

O gigante na solidão

■ No resto do mundo, derrubam-se barreiras. No Brasil, elas são reforçadas. Lá conquistam-se parceiros. Aqui desconfia-se de suas intenções

Miriam Leitão

MONSIEUR Jean Claude Trichet é secretário do Tesouro francês e, o que é mais importante para o Brasil, é presidente do Clube de Paris, que tem como sócios todos os bancos oficiais dos países do primeiro mundo. Ele está portanto ao lado do cofre que, se aberto, poderia ser capaz de operar o milagre de injetar no Brasil uma nova onda de otimismo e confiança. Como nos velhos tempos em que o Brasil crescia a saudosas taxas de 6% ao ano.

Normalmente avesso à imprensa, Monsieur Trichet recebeu com mesuras de lorde inglês (quem sabe, um milagre já operado pela próxima unificação da Europa) os jornalistas brasileiros que foram visitá-lo no seu gabinete na capital francesa. Com toda a delicadeza, o que ele disse aos jornalistas brasileiros é que não esperem muito do seu cofre. Há uma escassez mundial de poupança, alerta. Sobre o dinheiro japonês e a possibilidade de que ele seja repassado aos países em desenvolvimento pelo Clube que preside também Monsieur nunca ouviu falar.

Trichet e todos os europeus contactados pelo grupo brasileiro que circulou pelo continente têm apenas um obsessivo tema na cabeça: a preparação para a unificação da Europa em 1992. "Nós não somos poderosos o suficiente, precisamos nos unir", diz o secretário do Tesouro francês.

A União Soviética, com seu PIB de US\$ 1,5 trilhão, acha também que não é poderosa o suficiente. Os arquitetos da perestroika, diante da economia americana que não pára de crescer, e do continente europeu que se une às suas portas, perceberam que as mudanças não podem esperar mais. Afinal, o país vive dilemas incompreensíveis. É capaz de peripécias espaciais, nas quais incluiu há mais de 20 anos uma mulher, mas no seu parque industrial não se produz os inevitáveis absorventes higiênicos. Constrói o bombástico Mig-29 que deixou boquiabertos os especialistas na feira aeronáutica de Farnborough, na semana passada, e falha na produção de pacíficos liquidificadores domésticos. A economia soviética que cresceu a taxas de 8% ao ano na época de Stálin, com uma proposta econômica que hoje exibe seus equívocos, caminha ano a ano para a estagnação e é disto que os economistas da perestroika querem salvar o país. A estagnação infelicitaria ainda mais os seus 270 milhões de consumidores, para os quais são oferecidos por ano 240 milhões de novos pares de sapatos. Inúteis sapatos que ninguém quer. Não têm charme, o couro é duro e o design é o mesmo da época em que em algum gabinete, certo burocrata decidiu que a indústria precisava oferecer exatos 240 milhões de novos sapatos por ano aos consumidores. Mesmo com a produção encalhada, a ordem continua sendo cumprida.

A idéia da perestroika é desatar uma infinidade de nós como este. Todos eles juntos estão amarrando um gigante hoje inquieto por movimento. Mesmo que este movimento se dê numa verdadeira loja de louças em que se converteu o país que, vasto e intrincado, abriga 170 grupos étnicos, 130 línguas, cinco diferentes alfabetos e onze fusos horários. A União Soviética tem agora que enfrentar seus surdos conflitos nacionais. Tem de saber o que fazer com a religiosidade recorrente de um povo de regime ateu. Não pode adiar sequer a modernização das vitrines de suas lojas sem graça. Por uma infinidade de motivos os russos

sabem que este é o mais dramático momento que enfrentam. Emma Nikitina, uma russa que fala português com sotaque lisboeta, nunca havia saído do país até um mês atrás. Ao pisar em Praga descobriu um fato surpreendente. O nível de vida dos tchecos é melhor do que o dos soviéticos. Ou seja, os equívocos econômicos das gestões anteriores conseguiram a façanha de oferecer vida melhor nas nações periféricas do que na nação hegemônica. E é sobre hegemonia que se pensa em Moscou. O que as autoridades soviéticas perceberam é que ou o país enfrenta seus problemas e os resolve a qualquer preço, ou o país corre o risco de deixar o clube das potências de primeira grandeza. A or-

dem é crescer, desatar as amarras, enfrentar os desafios tecnológicos, continuar no primeiro time.

A Europa dos 12 de 1992 entra nesse time e não por ser sócia fundadora: entra por competência. "Acabou a era da euro-sinistrose", proclama Peter Prat, economista-chefe do banco belga Société Générale. Não que eles não tenham problemas. Só que decidiram enfrentá-los perseguindo a meta da manutenção do crescimento. A Bélgica, por exemplo, país-símbolo de uma Europa sem barreiras, tem graves problemas econômicos. Enfrenta um déficit de 8% do PIB, que supre aumentando sua dívida interna em US\$ 10 bilhões por ano. Com tudo isto, sua inflação está sob

absoluto controle e o país cresce a 4% ao ano. A Bélgica enfrenta suas dificuldades com duas cartas: tem poupança interna para absorver o endividamento do governo e coesão política para manter coerentemente seu plano de austeridade nos gastos públicos, que está diminuindo o déficit. O grupo socialista que substituiu recentemente a coalizão de centro-direita que governava o país anunciou que manterá o mesmo plano econômico do governo anterior.

Nos aeroportos se tem a noção do que está sendo montado na Europa. As filas dos cidadãos da Comunidade passam rápidas pelas alfândegas. A partir de 92, nem alfândega haverá separando os europeus. As filas dos cidadãos dos outros países é lenta, burocrática, exaustiva. A proposta da Europa é europeia. O projeto autárquico da Comunidade só se firmou desde o tratado de Roma de 1955, porque excluiu os demais. A Europa pode estar neste momento aumentando os muros da sua fortaleza. Melhor para eles. Ruim para o resto.

Nesse resto, no entanto, não estão incluídos os fortes. A mesma Comunidade que estabeleceu uma esdrúxula proibição de importação de tapioca brasileira, hesita em fazer o mesmo com o farelo de soja. Isto porque os Estados Unidos estão na outra ponta como vendedores e podem se irritar com novas barreiras.

A sensação que se tem, atravessando o norte, de Washington a Moscou, através da Europa é que a parte de cima da calota terrestre está pronta para decolar rumo a um novo surto de exuberância, ignorando o sul mergulhado na sua crise. O que incomoda a Europa, hoje, é que lá se produz alimentos em excesso. A meta é ir "congelando" áreas da produção até que se chegue ao equilíbrio entre a oferta e a demanda. O que incomoda os economistas americanos é também a overdose. Preocupam-se com o fato de que a oferta de crédito quadruplicou este ano, a compra de imóveis cresceu 8% em quatro meses e a economia mantém insistentemente o ritmo ascendente. O superaquecimento americano pode acabar produzindo uma fatura que os americanos — e com eles o resto do mundo — terão que pagar, mas há uma impressão de bem-estar geral no país. "Nós nunca estivemos tão bem. O país cresce, o desemprego cai, o nível de vida sobe" resume Richard Torrenzano, o vice-presidente da Bolsa de Nova Iorque. O primeiro mundo vai bem e nunca esteve tão voltado para si.

"É falsa a idéia de que se pode viver isolado no mundo", diz o professor soviético Anatoli Butenko

Os jornalistas brasileiros que estiveram no gabinete de Monsieur Trichet desembarcaram também na British Petroleum, em Londres. Encontraram irritado o diretor gerente Robert Malpas. "E vocês no Brasil continuam achando que precisam construir uma muralha para evitar que o país seja roubado?". Aponta para uma imensa mesa retangular e conta: "Meus colegas que se sentam nesta mesa, quando falo de investimentos no Brasil, respondem: Há outros países no mundo". E no mapa da empresa britânica está assinalado principalmente a parte de cima do planeta. Vai para os Estados Unidos a maior fatia do bolo destinado anualmente pela empresa para investimentos no exterior. O fluxo de capital hoje se dá no sentido norte-norte. Como diz o embaixador do Brasil em Washington: "A dúvida do investidor estrangeiro é entre São Paulo ou Califórnia, entre Piauí ou Ohio".

Num momento de escassez de poupança, os países que já são ricos tentam ser cada vez mais atraentes para os investimentos estrangeiros. Nos países europeus, abrem-se as portas para que, independente da origem do capital, as empresas instaladas no continente beneficiem-se da derrubada das fronteiras nacionais. A Comissão da CEE preferiu,

ao invés de discriminar o capital pela sua origem, exigir que, para ter as vantagens da nova era, os manufaturados sejam processados no continente. Os Estados Unidos nunca foram tão sedutores e até a esquiva União Soviética busca parceiros. E foi isto que o professor soviético Anatoli Butenko disse aos jornalistas brasileiros: "É falsa a idéia de que se pode viver isolado do mundo." Diante desta constatação, a URSS pensa até na hipótese, herética do ponto de vista da sua doutrina oficial, de permitir capital estrangeiro na área bancária.

No resto do mundo, derrubam-se barreiras. No Brasil, elas são reformadas. Lá conquistam-se parceiros. Aqui desconfia-se de suas intenções. O crescimento econômico é a meta do lado de lá. Neste lado do planeta, o ministro da Fazenda anuncia que o PIB avança menos de 1% em 1988. Solitário, o Brasil segue na contramão, não se sabe exatamente em que direção. Visto ao longe, os objetivos nacionais brasileiros parecem melancolicamente confusos. Aparentemente, não se sabe para onde os brasileiros querem ir. Sabe-se apenas que eles terão que ir com patéticos US\$ 100 no bolso.

Miriam Leitão é editora de economia do JORNAL DO BRASIL e viajou recentemente pelos Estados Unidos, pela União Soviética e Europa Ocidental

